

Ano lectivo/94 no fim:

A porta os exames mais confusos

Por António Elias

Cada vez que um ano lectivo chega ao fim, há espectáculo nas escolas. "O cabrito come onde está amarrado"...
Aí, então, o cabrito é o professor.
Inclusive, outros programam grandes realizações, já que com o salário é-lhes impossível pagar passagem nas LAM para passar férias "na província".
E este ano vai tudo pior que isso. Se em qualquer dia se passar do nível de confusão deste ano, será o fim...

A Escola Secundária Josina Machel, que, para seu actual director, foi o maior liceu do império português, serviu de ponto de partida, não por razão que fosse.

Facto inegável, entretanto, é que o ex-liceu Salazar, hoje com nome da heroína Josina Machel "é um património extremamente valioso, cujo valor se foi perdendo", no dizer do director da escola, Francisco João Mbeve.

Francisco Mbeve confessou embargar-se cada vez que remexe o estado actual do património da "Josina Machel".

"Esta escola está assente em mármore. Já aparece gente a tirar, a roubar desse mármore. Como nós deixamos coisas destas irem abaixo?"

Soubemos existir um projecto para a reabilitação de parte das infra-estruturas da escola à cargo do Estado, mas ainda sem data definitiva para o arranque das obras. Partes como o parque desportivo, incluindo dois grandes pavilhões cobertos, piscina, sala de festas, o largo pátio e jardins não serão mexidos nas obras de reabilitação previstas para breve.

Muita pena mesmo, aquele monumento não mais voltará ao esplendor que teve.

"E, mesmo assim", diz o director João Mbeve, "se hoje

esta escola tem o aspecto que apresenta, é porque desde 92/3 que a situação começou a tomar rumo de mudança". E isso resulta do envolvimento que os encarregados de educação passaram a estabelecer com a escola, sob forma de contribuição material.

Foi da contribuição que os pais passaram a prestar à escola que hoje a "Josina Machel" montou a biblioteca, informatizou os processos pedagógico e administrativo, os alunos têm uniforme escolar (único caso na cidade de Maputo entre escolas do Estado no ensino secundário), paga salários a certos trabalhadores indispensáveis numa escola, mas de que o Ministério da Educação não se responsabiliza, por "insuficiência de fundos".

A contribuição dos encarregados de educação na escola tomou um nível tal que leva o director Mbeve a proclamar que "hoje a Josina está tão fortemente dependente do apoio comunitário de tal forma que a haver ruptura nessa ligação a escola se afundaria. Nos últimos três anos, a comunidade fez muito pela "Josina Machel" do que o Estado fez por ela".

Totobola

Mas, quanto a nós, a Escola Secundária Josina

Machel continua uma grande lástima, e é difícil crer que ali estejam a ocorrer muitas melhorias.

Resultado talvez do trabalho que vem sendo orientado pela direcção da escola e que levou a certas melhorias, algumas das quais mencionadas pelo director Mbeve, a "Josina Machel" foi escolhida pela CNE para acolher grande parte de seus trabalhos de formação.

Porém, essa prestação teve consequências com repercussões muito negativas para a escola.

Para exemplo: A CNE ocupou oito salas de aulas durante três semanas para trabalhos de formação. Disso, 16 turmas, aproximadamente 800 alunos, viram-se sem onde estudar, durante esse período.

Por esta e mais razões ditadas pelas particularidades que o ano de 94 tomou, resultado do processo de pacificação em curso no país, e particularmente na sua fase de eleições, hoje, milhares de alunos da "Josina" estão afilhos, agora que o ano lectivo chegou ao fim.

Um professor dessa escola assegurou-nos que ninguém, entre seus colegas, terá cumprido na íntegra os programas de estudo durante este ano na "Josina Machel", e que o que trarão as pautas do fim do ano não será resultado de trabalho honesto, senão totobola, porque não houve ambiente favorável nem tempo suficiente durante este curso escolar. Foi o ano mais confuso que já se assistiu.

Ressalva para a venda e compra de notas neste ano na "Josina", resultado, pensa-se, do trabalho sob condução do director Mbeve, ou do facto de os professores se encontrarem algo folgados por terem recebido incremento salarial, de meses em atraso, entre finais de Outubro e princípios de Novembro.

Quem transita quem reprova

E sobre o que serão os resultados finais deste ano, Francisco Mbeve diz que se vierem a ser totobola será por irresponsabilidade dos professores, pois são eles que devem conhecer as capacidades de seus alunos e determinar quem transita ou reprova, em função do trabalho feito ao longo do ano. Mas, diz ele, "é inegável que este ano foi muito especial".

Particularmente no segundo semestre, após o início de actividades inseridas no programa eleitoral, o tempo de trabalho foi muito reduzido e isso afectou o curso normal de aulas.

E mais do que isso, o processo eleitoral condicionou um ambiente psicológico pouco favorável,

de certa agitação, ansiedade, conforme Francisco Mbeve.

"Aqui", conta Mbeve, "tentámos criar medidas para contrariar isso". Contudo reconhece que "a atmosfera geral que se vivia ou se vive no país não permitiu muito... Os relatórios que recebo dos grupos de disciplina indicam que muita gente faltou à escola; alunos, professores".

O panorama faz desenhos uma situação nada boa sobre o que serão os resultados na "Josina".

Contrariamente, Francisco Mbeve nega que este ano lectivo venha a ser diferente dos anteriores. Segundo conta, na décima classe, mais de 60 por cento dos alunos vão ao exame, o que para os índices da escola é uma cifra boa. Disse ainda haver uma percentagem boa de alunos dispensados dos exames. Na oitava e nona classes o aproveitamento deverá se situar entre os 45 e 50 por cento.

Independentemente do "incremento" ou não, "a verdade é que a situação da Escola Secundária Josina Machel melhorou muito de há três, dois anos a esta parte", conforme Mbeve, que acha ser natural que um "mundo" como é a Josina Machel, a movimentar mais de cinco mil alunos e quatrocentos professores, tenha problemas: "também porque se trata da melhor escola secundária do país".

Enquanto isso, na Escola Comercial de Maputo, ao lado da "Josina Machel", a situação tem estado a ser descrita como tendendo para o mal.

Durante muitos destes anos de crise escolar, com edifícios sem portas, nem janelas; alunos sem carteiras e professores sem quadro, a Escola Comercial exibiu sempre uma imagem contrária. Inclusive apresentava jardins.

Mas as más práticas e corrupção generalizada nas escolas, a todos os níveis, abateu-se também sobre a Escola Comercial de Maputo. No princípio deste ano lectivo, em Fevereiro, foi afastado o grupo de funcionários que assumia a direcção da escola na sequência da degradação do ambiente interno, mormente a evolução da corrupção.

Ainda não se pode dizer que a nova direcção eliminou esse síndrome de corrupção, se um dos principais objectivos for o caso.

Agora que as aulas chegaram ao fim e vêm os exames, é o momento de compra e venda de resultados académicos.

Um valor vale valor

Na escola comercial, há queixas de haver essa prática nas últimas semanas. Apontam-se a Matemática e a Economia Política como as

disciplinas em que se faz muito desse negócio. Um valor está a custar entre 250 a 300 contos, se for para ir ao exame.

Acima desse fenómeno de corrupção que parece tomar a Escola Comercial, que era das únicas razoáveis em Maputo nos últimos tempos, está-se ali a trabalhar a um ritmo nunca antes experimentado, porque "muitos grupos de disciplina

trabalham racionalmente. Em vez de os alunos estarem a rever todas as matérias aprendidas durante o ano lectivo, em preparação de exames, o que está a acontecer é continuarem a receber matérias novas, e ter de recapitular conteúdos já ministrados. É uma confusão!

Sobre a compra e venda de provas na sua escola, Arlindo Chemane diz ser surpresa para ele essa

de cada professor, como ainda da natureza da disciplina. Há disciplinas que "valem" a doer, entre as quais Português e Matemática.

Ao que parece, o tecto, nesse negócio, está fixado em 800 contos, por disciplina. Neste caso, quando se trata de negociar dispensa ao exame.

Deste modo, o ensino estatal, com uma qualidade abaixo dos mínimos

eleitoral provocou e introdução do novo quadro analítico curricular na 11ª classe: "estou com receio de vir a haver muitas dificuldades nos exames", confessa-se Filipe Samuel.

Situações mais graves nas províncias

O director de Educação da cidade de Maputo diz, por seu turno, que o curso escolar na capital não sofreu efeitos graves. Onde houve problemas foi nas províncias.

E não é sem razão. Em muitos distritos, foram professores que asseguraram o processo eleitoral, desde o dia 1 de Junho até ao presente. Muitos desvincularam-se por completo das escolas.

Casos há como o que se segue. Realidade na Escola Secundária de Cambine, Morrumbene: os alunos da décima classe do Novo Sistema de Educação não tiveram aulas de Português, Matemática e Geografia, durante o segundo semestre.

Esses alunos vão aos exames que começam no dia 28.

Vão realizar os exames nessas disciplinas? Não vão?

Vão poder transitar de classe em caso de nas restantes disciplinas tiverem bom aproveitamento, sem terem frequentado outras três da classe?

O ministro da Educação, Aniceto dos Muchangos, esclareceu que casos como o de Cambine poderão se repetir por mais lugares, "não só por causa de eleições... mas também por falta de professores".

Acima de tudo, é por falta de condições de acomodação e de trabalho que grande parte das escolas secundárias nos distritos registam desses problemas. Há casos, conforme relatou o ministro da Educação, de graduados que saem da escola de formação de professores, e são colocados nas províncias donde são provenientes. E recusam ir trabalhar por falta de meios nesses lugares. Preferem ficar sem emprego no Maputo, a alargar o exército de desempregados.

O Ministério de Educação não fez qualquer alteração no que tem sido o calendário de exames para este ano, tendo em conta as particularidades que o caracterizaram.

Aniceto dos Muchangos diz que as escolas se devem organizar para durante as duas semanas que separam o fim das aulas e o princípio dos exames, tratarem de colmatar o que não puderam realizar ao longo do ano, "mesmo que tenham de utilizar sábados e domingos".

Se os resultados escolares de 94 serão totobola ou boleia, o ministro da Educação promete responder "na altura apropriada". ■



Moira Lissano

não cumpriram com os programas curriculares", conforme esclareceu o director pedagógico da escola, Arlindo Chemane.

Oficialmente, as aulas terminaram no dia 11 deste mês, e os exames devem começar na segunda-feira 28.

Na prática, entretanto, e particularmente para as disciplinas de exame, os alunos estiveram em aulas nas duas semanas que seriam para preparação, porque ao longo do ano não foi dada toda a matéria do programa. Ou seja, que os alunos vão continuar a receber matérias novas até à véspera dos exames. Portanto, nem o professor vai ter tempo de fazer trabalho de consolidação da matéria, muito menos avaliar o nível de assimilação desses conteúdos entre os seus alunos.

Os alunos não vão poder

informação: "Deve ocorrer, mas o aluno tem medo de se aproximar à direcção. Sei que houve venda de matrículas na escola".

Onde não é problema discutir "candonga" de notas é na Escola Secundária Francisco Manyanga, a principal e maior pré-universitária do país.

"Manyanga": Por compreensão de cada professor

Aliás, Filipe Samuel, o director pedagógico para as 11ª e 12ª classes, não põe em questão isso: "Há candonga, mas não acontece à vista da direcção: Fala-se, ao alto, de compra e venda de notas, e nós tentámos investigar".

Os valores que são praticados variam. Não há mínimos estabelecidos, dependendo da compreensão

aceitáveis, está a ser mais caro que o ensino privado.

Os problemas da "Francisco Manyanga" não começam e nem acabam aí. É extremamente difícil entender como é que numa escola que é a principal e maior pré-universitária do país haja alunos a estudar no chão.

Filipe Samuel conta que no princípio do ano lectivo havia cinco salas sem carteiras, e agora são quase 15 salas de aulas em que se estuda no chão, ou permanece-se horas e horas de pé. Não sabemos se a direcção permite que cada aluno leve banco de casa.

Grandes transtornos, por falta de carteiras, vão acontecer no período de exames que começam na próxima segunda-feira, por um lado, conforme o director pedagógico, por outro, pelos atrasos que o processo